

VIVÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE NOS ANOS FINAIS: AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA A DOCÊNCIA. DESAFIOS E APLICAÇÕES DE SAÍDAS DE CAMPO¹

Karine Domingos

Licenciada em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC
<karinedomingos1@gmail.com>

Rodolfo Dutra

Licenciado em Geografia na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC
<rodolfodutra_@hotmail.com>

Resumo:

Este artigo trata de relatar e discutir a viabilidade da utilização da saída de campo como metodologia para o ensino de geografia, voltado aos anos finais do ensino fundamental. Durante a preparação das aulas a serem ministradas durante o período do estágio, diversas metodologias foram consideradas para tornar as aulas ou atividades mais dinâmicas, atrativas e de fácil compreensão para os discentes. Aulas expositivas e dialogadas, filmes, livro didático entre outras ferramentas foram levantadas, e, dessas ferramentas consideradas metodologias tradicionais pela literatura, quase todas foram utilizadas para planejar as aulas. Outras alternativas metodológicas foram pensadas, contudo, limitadas por obstáculos como falta de tempo, estrutura da escola, recursos, entre outros. Entre todas as possibilidades de planejamento de aulas e atividades, as saídas de campo se apresentaram as maiores dificuldades de realização.

Palavras-chave: Estágio docente, metodologias de ensino, saídas de campo.

¹ Artigo submetido em 16/09/2018 e aceito em 27/09/2018.

1 INTRODUÇÃO

Viabilizamos o presente trabalho por meio de referenciais teóricos extraídos do material disponibilizado durante a disciplina e outras fontes de notório reconhecimento na área em questão, bem como, a prática docente durante a realização do estágio à uma escola da rede municipal de ensino no município de São José em Santa Catarina. Com a pesquisa foram feitas análises e discussões, bem como propostas de intervenção e conclusões a fim de potencializar e estimular a utilização da prática do trabalho de campo no ensino e na prática do estágio na disciplina.

2 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO

Neste trabalho buscamos observar a importância do trabalho de campo em uma escola de educação básica do município de São José e, para compreender a base para a análise das saídas de campo enquanto ferramenta pedagógica, se faz necessário compreender o arcabouço teórico que a abarca, através de conceitos como ensino-aprendizagem, educação, o trabalho de campo e sua influência na ciência geográfica.

Aprendizagem é uma mudança de comportamento, a aquisição de conhecimento e de novas habilidades que têm certa duração e resulta das experiências a que o sujeito foi exposto. Essa é uma definição usual, simplificada e de fácil compreensão, mas existem outras definições mais completas.

Entre as diferentes formas de aprendizagem como a tentativa e erro, empatia, imitação, contágio social, entre outras vistas anteriormente, encontradas no capítulo 7 do livro “Psicologia Educacional: desenvolvimento e aprendizagem” (SILVEIRA, 2011), podemos destacar a importância da aprendizagem pelo contágio social, onde o gesto de uma pessoa é logo seguido por outra, por isso sendo compreendido como uma forma de aprendizagem, estando ela bem presente na saída de campo, pois acontece como uma modalidade inconsciente e primitiva de empatia, que é comum em animais sociais, e que não exige a compreensão exata do que o outro está experimentando. De acordo com Sylva e Lunt, “mais aprendizagem se dá fora que dentro da escola” (1994, p. 161), munido disso é possível que hajam diferentes formas de chegar ao conhecimento-aprendizagem, pois vai acontecer para ambos os lados, o indivíduo e a sociedade, de forma que com interações com o ambiente se torne possível adquirir mais conhecimento prático do assunto tratado em sala, ou diretamente no próprio ambiente.

Sobre a tarefa de educar, que ao longo dos tempos tem sofrido poucas alterações, Nunes (2004, p. 152) contribui:

A tarefa de educar é uma das mais antigas do mundo, mantendo-se de forma tradicional até os dias de hoje, pois as discussões teóricas sobre questões pedagógicas

têm demorado para chegar nas escolas, embora já seja possível observar mudanças no processo de ensino-aprendizagem, que representam um certo esforço dos professores em superar a crise instalada no interior destas, reflexo das mudanças que têm passado a sociedade atual.

A aprendizagem escolar de modo teórico, ou seja, aulas com métodos como: livros, provas, exposição oral, etc. são os mais praticados ou utilizados como métodos de ensino nas escolas tradicionais. A escola como instituição que, cada vez mais, está presente na formação dos sujeitos, apresenta dificuldades em apresentar os conteúdos e torná-los atrativos aos que estão entrando em contato pela primeira vez com eles. Sabe-se que essas dificuldades se dão, pois muitos dos conteúdos abordados não possuem uma representatividade na vida cotidiana dos sujeitos que aprendem. Silva et. al. (2014, p. 79) contribui quando diz:

Para tanto, sabemos que despertar o interesse do aluno para a aprendizagem significativa, não é uma tarefa fácil. É necessário que o educador faça uso de uma linguagem atraente, capaz de aproximá-lo o máximo possível da realidade, transformando os conteúdos em vivência.

Silva et. al. (2014, p. 81) ainda afirma ainda que:

A exposição oral da matéria, exercícios passados no quadro e resumo da matéria e isso apresentam como um ponto negativo. [...] visto que uma aula de forma monótona, não dá espaço para o aluno desenvolver a sua criatividade.

Portanto, pode-se concluir que os métodos tradicionais passam hoje por uma evidente crise, agravada pela difusão informacional proporcionada pelas novas tecnologias, os recursos tradicionais deixam de ser atrativos perante a dinâmica em que os alunos estão inseridos. Para essas afirmações Carvalho (2009) contribui dizendo que:

O mundo contemporâneo, neste momento da história, está marcado pelos avanços na comunicação, na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também escolas e o exercício profissional da docência. Isto se reflete nos tipos de atividades propostas em sala de aula.

Sendo assim, a educação, e principalmente os educandos, necessitam de meios e métodos alternativos para garantir a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. As viagens de estudo ou trabalho de campo podem ser utilizadas nessa modernização do processo, seu desempenho no processo de ensino-aprendizagem é reafirmado por Souza e Pereira (s/d) em:

O trabalho de campo é entendido como toda e qualquer atividade investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, é um tipo de atividade que é na maioria das vezes muito bem aceita pelos alunos, em função da possibilidade de sair da rotina escolar de sala de aula, e é um instrumento didático importante no ensino.

O fato do trabalho de campo necessitar a saída da sala de aula, isso não atribui necessariamente a saída de escola, pois trabalhos podem ser realizados no pátio da escola, corredores, hortas, quadra de esporte, etc. tudo aquilo que o professor julgar necessário que irá contribuir para a dinâmica do ensino.

Segundo Canpiani e Carneiro (1993, p. 90) o trabalho de campo desempenha na prática educativa quatro funções:

Ilustrativa, cujo objetivo é ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; motivadora, onde o objetivo é motivar o aluno a estudar determinado tema; treinadora, que visa a orientar a execução de uma habilidade técnica; e geradora de problemas, que visa orientar o aluno para resolver ou propor um problema.

Em campo o educando pode colocar em prática e fixar melhor os conceitos, conteúdos e temas estudados em sala de aula. Além disso, as dúvidas podem ser tiradas quando há alguma questão que não foi absorvida pelo aluno, o trabalho de campo instiga a curiosidade e desperta interesse na aplicação materializada do conteúdo.

Para a boa prática e bom desenvolvimento do trabalho de campo é necessário prévio entendimento dos conteúdos que serão abordados, ou seja, o professor deve orientar sempre o trabalho. De nada contribuirá para a formação do aluno, se não houver uma abordagem teórica em sala de aula. Para Callai (2001):

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos.

Ainda vale lembrar que em campo, o professor deve sempre remeter o trabalho ou a visita em qualquer lugar, para os conteúdos abordados em sala de aula. Conforme Callai et al. (1988):

Vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas.

Deve-se orientar e remeter o trabalho de campo sempre aos conteúdos abordados em sala de aula, pois, o trabalho de campo pode deixar de ser uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e passar a ser uma mera viagem turística ou de lazer. Deve-se entender que as viagens de estudos são ferramentas pedagógicas e merecem aprofundamento quanto a sua organização, gerenciamento, planejamento e execução, para que os educandos tenham lucidez de que o trabalho de campo faz parte do processo educativo. Para isso Belo e Rodrigues Junior (2010) aprofundam:

Acreditamos que os estudos do meio são importantes ferramentas pedagógicas no sentido de levar o aluno a vivenciar in loco as aprendizagens propostas em sala de aula. No entanto, para que de fato esse processo ocorra é necessário um grande e detalhado planejamento tanto no sentido logístico, mas principalmente no sentido pedagógico, pois é fundamental que a saída a campo faça sentido para os alunos e que eles possam enxergar um estreito relacionamento entre as aprendizagens vividas em sala e as proposições de estudo no campo. O distanciamento entre a sala e o campo, e a ausência de uma clara relação entre esses dois momentos pode levar os estudantes a não perceberem os objetivos de uma saída e a entenderem como um simples “passeio”, uma simples atividade de recreação (BELO; RODRIGUES JUNIOR, 2010, p. 3).

Assim sendo, deve-se buscar a citação de Neves (2010), que trata o objeto de estudo da Geografia como sendo o espaço geográfico, e é nele que os alunos habitam. Os professores de

tal disciplina devem instigar a busca por conhecimento por parte dos alunos de forma que estes compreendam o seu espaço de vivência, de forma a perceber, ainda que de forma mais simplificada as dinâmicas que compõem o seu cotidiano, auxiliando também na criação de uma maior identidade com o lugar e com a paisagem.

A autora trata destes últimos conceitos como essenciais para a compreensão do espaço e devem ser utilizados pelos professores em saídas de campo, mesmo com o ensino básico. O primeiro é válido para uma maior valoração do espaço, permitindo uma maior identificação do aluno com os lugares que frequenta, e o segundo é indicado para uma compreensão mais holística da realidade, assim como forma de incentivar o uso da descrição e também do estímulo visual do aluno, quando o for possível. Como adição, Neves (2010) salienta vantagens no trabalho de campo como as seguintes:

Trabalhar com um espaço conhecido do aluno permite que suas experiências sejam incorporadas ao processo de ensino/aprendizagem;
A investigação de espaços do cotidiano é importante no processo de significação de conteúdos do ensino de Geografia, destacando também o desenvolvimento de competências e habilidades de forma contextualizada;
Permite investigar as explicações espaciais e os vínculos afetivos do estudante com o espaço local;
Além de ser uma porção do espaço passível de ser conhecida pelos estudantes – ao menos parcialmente - apresenta uma outra característica importante para o ensino de Geografia: o lugar preserva as relações dos vários níveis da escala de análise, permitindo que a investigação do local revele elementos de outras escalas (NEVES, 2010, p. 60).

Ao tratar das possibilidades de aplicação dos trabalhos de campo no teor metodológico do ensino básico, a autora estabelece três aspectos importantes para sua fundamentação: permite a superação da ênfase nos conteúdos conceituais; possibilita maior significação dos conteúdos estudados; e o desenvolvimento e aprimoramento da linguagem cartográfica. Este último é de extrema importância, visto que “todo trabalho de campo deve fazer uso da representação cartográfica, mesmo que seja a representação não formal” (NEVES, 2010, p. 80-81).

Para atingir estes objetivos, é necessário planejamento e a escolha adequada de um espaço para a realização das atividades, através de uma abordagem interdisciplinar do conhecimento. Uma boa alternativa é a utilização de ambientes próximos ao local da escola, que criam identificação com o lugar para os alunos e tornam a logística do trabalho de campo mais simples. Outra vantagem para a Geografia é que, por ser tanto disciplina escolar quanto ciência muito ampla, permite o uso do trabalho de campo em diferentes períodos pedagógicos, gerando uma maior progressão na relação ensino-aprendizagem no caminho do estudante para compreensão da Geografia (NEVES, 2010).

A autora ainda trata dos limites das saídas de campo no contexto escolar brasileiro, citando questões como: falta de conhecimento pedagógico; estrutura escolar; tempo de realização; e recursos disponíveis.

Os trabalhos de campo, ou, saída de campo, tornam-se então uma importante ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de geografia, isso porque a dinâmica das saídas de campo é uma atividade diferente, fora do cotidiano escolar tradicional. Na discussão a seguir, as dificuldades de realização das saídas de campo serão trabalhadas, sendo elas ocasionadas por diversos motivos, entre eles a estrutura da escola, ausência de recursos, e o curto período de tempo disponível no estágio de docência.

3 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca dos resultados, que se estabeleceram a partir da pesquisa, podem ser definidas considerações e encaminhamentos da pesquisa. Bem com, pode-se afirmar que o trabalho e atividades realizadas em campo, ou seja, fora do âmbito da sala de aula têm alto potencial para bons resultados quanto ao processo de ensino-aprendizagem, e que, há grande receptividade dos educandos em relação a essa atividade, pois se trata de uma dinâmica e método pouco explorado ainda pelas disciplinas, tendo em vista a indicação de estudos afirmando que as disciplinas humanas como Geografia e História, juntamente com a Biologia (Ciências Biológicas), apresentarem maior efetividade perante o uso desse método.

Observa-se ainda, com os resultados obtidos na pesquisa que, a metodologia do trabalho de campo, exige preparação e viabilidade para a realização do trabalho, ou seja, é necessário que os educandos tenham um pré-conhecimento da temática a ser abordada no trabalho de campo, para que a atividade não se torne uma atividade de lazer.

Contudo, apesar da escola apresentar-se aberta a utilização do método de trabalho de campo, observou-se que a instituição e o corpo docente não utilizam a capacidade que os recursos físicos da escola têm para realizar frequentes saídas de campo. A escola está situada próxima ao mar, assim como próxima a áreas de vegetação reprimida pela expansão urbana, o bairro onde está situada a escola, apresenta características do processo de grande crescimento econômico ocorrido nas últimas décadas, principalmente com a presença de empresas privadas que influenciaram esse crescimento, presentes no local ainda hoje, próximo a escola também é possível visitar cursos hídricos poluídos e retinizados, essas características apresentam grande capacidade de elucidação de conteúdos para disciplinas como geografia, história, biologia, física e química. A proximidade com a Ilha de Santa Catarina, capital do estado, eleva o leque de possibilidades para visitação. Sendo assim, não é necessário despende grande quantidade

de recursos financeiros para a realização das atividades, que podem ser interdisciplinares, elevando assim o aproveitamento de cada saída. No decorrer do período do estágio supervisionado, a realização de saídas de campo não foi possibilitada devido ao curto tempo cedido a essas atividades e a fragmentação das aulas de geografia, dispersas entre dois dias da semana.

Portanto, para que as aulas em sala obtivessem o resultado esperado, foram utilizados vídeos trazidos pelos professores estagiários e recursos alternativos como imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Vanir de Lima; RODRIGUES JUNIOR, Gilberto Souza. A importância do trabalho de campo no ensino de geografia. **Anais XVI Encontro Nacional do Geógrafos** - 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre (RS), 2010. ISBN 978-85-99907-02-3.

CALLAI, Helena C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1988.

CALLAI, Helena C. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda a escola? **Terra Livre - Paradigmas da geografia Parte I**. São Paulo: AGB, n. 16, 1º sem./2001, p. 133-152.

CARVALHO, Rosiani. **As tecnologias no cotidiano escolar**: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos. Disponível em: <<http://diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>>.

COMPIANI, M. e CARNEIRO C. D. R. Investigaciones y experiencias educativas: os papeis didáticos das excursões geológicas. **Ensenanza de las Ciencias de la Tierra**, 1993, p. 90-97.

NEVES, Karina Fernanda T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Ed. da UESC, 2010. 137 p.

NUNES, Adão Cícero Ferreira. As dificuldades de ensinar geografia. **Geografia** (Londrina), v. 13, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>.

SILVA, Maroni Maria da Conceição; SILVA, Crislândia Ribeiro; SILVA, Rosilda Pereira; SILVA, Lineu Aparecido Paz. Dificuldades de aprendizagem no ensino de geografia no 7º ano da U.E. Florisa Silva em Canto do Buriti-PI. **Pesquisar**, v. 1, n. 2, out. 2014, p. 77-96. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/3550/4355>>.

SYLVA, Kathy; LUNT, Ingrid. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SILVEIRA, Nícia L. D. da. **Psicologia Educacional**: Desenvolvimento e Aprendizagem. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

SOUZA, José Carlos; PEREIRA, Rodrigo Magalhães. **Uma reflexão acerca da importância do trabalho de campo e sua aplicabilidade no ensino de geografia.** Disponível em: <https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/up/215/o/uma_reflexao_acerca_da_importancia_do_trabalho_de_campo.pdf>.

VIVENCIA DE LA PRÁCTICA DOCENTE EN LOS AÑOS FINALES: LAS POSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA LA DOCENCIA. DESAFÍOS Y APLICACIONES DE SALIDAS DE CAMPO

Resumen

Este artículo trata de relatar y discutir la viabilidad de la utilización de la salida de campo como metodología para la enseñanza de geografía, volcado a los años finales de la enseñanza fundamental. Durante la preparación de las clases que se impartir durante el período de prácticas, se consideraron diversas metodologías para hacer que las clases o actividades más dinámicas, atractivas y de fácil comprensión para los alumnos. Las clases expositivas y dialogadas, películas, libro didáctico entre otras herramientas fueron levantadas, y, de esas herramientas consideradas metodologías tradicionales por la literatura, casi todas fueron utilizadas para planificar las clases. Otras alternativas metodológicas fueron pensadas, sin embargo, limitadas por obstáculos como falta de tiempo, estructura de la escuela, recursos, entre otros. Entre todas las posibilidades de planificación de clases y actividades, las salidas de campo se presentaron las mayores dificultades de realización.

Palabras clave: Práctica docente, Metodologías de Enseñanza, Salidas de Campo.

TEACHER STAY LIVING IN THE FINAL YEARS: THE METHODOLOGICAL POSSIBILITIES FOR TEACHING. CHALLENGES AND APPLICATIONS OF FIELD EXITS

Abstract

This paper aims to report and discuss the feasibility of using field output as a methodology for teaching geography, geared to the final years of elementary school. During the preparation of the classes to be taught during the internship period, several methodologies were considered to make classes or activities more dynamic, attractive and easy to understand for students. Expositive and dialogic classes, films, textbooks among other tools were raised, and of these tools considered traditional methodologies by literature, almost all were used to plan the classes. Other methodological alternatives were thought, however, limited by obstacles such as lack of time, school structure, resources, among others. Among all the possibilities of planning classes and activities, field trips presented the greatest difficulties of achievement.

Key words: Teaching Internship, Teaching Methodologies, Field Exits.